



Deputado
AFANASIO JAZADJI

FLS. N.º 01
PROC. 3715
5

Publique-se Incluir-se em
pauta por cinco sessões
21 maio 96
RICARDO TRÍPOLI - Presidente

PROJETO DE LEI Nº 387 DE 1996

ENTREGUE A MESA EM:

20 MAI 15 25 011660

PROTOCOLO

REGISTRO GERAL LEGISL.

3715 de 22105/1996

Atuado c/ 06 fôlhas

Ass.

Artigo 1º -

Fixa vencimentos e a jornada de trabalho dos Médicos no âmbito do Poder Executivo Estadual.

A Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo decreta:

Fica autorizado o Poder Executivo Estadual a fixar em 30 (trinta) salários mínimos vigentes, por 30 (trinta) horas semanais, os vencimentos mensais do funcionário ou servidor que exerce o cargo de Médico, nas administrações direta e indireta do Estado de São Paulo.

§ 1º -

Os vencimentos constantes no "caput" deste artigo passam a constituir o piso salarial dos médicos servidores públicos estaduais.

Artigo 2º -

Os reajustes salariais desses servidores acompanharão os reajustes aplicados na área da saúde.

Artigo 3º -

Deverão ser apostilados no prazo de 90 (noventa) dias, a partir da vigência desta lei os vencimentos definidos no artigo 1º.

Artigo 4º -

O Poder Executivo Estadual regulamentará por decreto, no prazo de 90 (noventa) dias, os objetivos desta Lei.

Artigo 5º -

As despesas com a execução desta Lei ficarão por conta de dotações financeiras próprias, consignadas no orçamento vigente e suplementadas, se necessário, devendo as previsões futuras destinarem recursos específicos para o seu fiel cumprimento.

Deputado
AFANASIO JAZADJI
Artigo 6º -

Pág. 2

Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação.

Sala das Sessões,



Deputado AFANASIO JAZADJI

JUSTIFICATIVA

Divisão de Ordenamento Legislativo
Esta proposição contém
1 assinatura
SDC, 21/5/1996
Chefe de Seção

Se a qualidade do atendimento oficial à saúde piorou em nosso Estado deve-se buscar as causas não na deficiência de assistência do médico e, sim, nas péssimas condições de trabalho que lhe são oferecidas, sem falar dos ridículos vencimentos que recebe.

Para sobreviver com alguma decência, vê-se o médico servidor público paulista (em outros Estados a situação pode ser ainda pior) obrigado a correr de hospital em hospital, prestando seus serviços profissionais a quatro ou cinco instituições diferentes. O desgaste físico e emocional soma-se à precariedade dos serviços assistenciais públicos, despojados até de instrumentos básicos à execução de tarefas as mais rotineiras.

As estatísticas demonstram que mais da metade dos médicos, nessa maratona de vários empregos, consegue mensalmente uma renda de 1.300 reais, que lhes garante um sustento apenas precário. Os ínfimos salários pagos pelo Estado contribuem decisivamente para o desestímulo dos profissionais e impedem a necessária reciclagem de seus conhecimentos. Segue-se a inevitável queda de qualidade do atendimento, da qual não pode o médico arcar sozinho com a responsabilidade, já que também é vítima desse perverso processo de sucateamento dos serviços de saúde.

Deputado
AFANASIO JAZADJI

Pág. 3

Recente pesquisa aponta um quadro desanimador: para 40,4% dos médicos a Medicina tornou-se sinônimo de pessimismo; para 16,7%, de incerteza; apenas 3,1% associam a profissão à competência. Mas 79,6% dizem que a profissão é desgastante. Pudera, precisam dividir-se entre quatro e cinco empregos para, ao final do mês, ganharem muito menos que um motorista de táxi ou uma cabeleireira...

Nada mais urgente, portanto, do que reverter esta aviltante situação dos médicos do serviço público estadual, oferecendo-lhes vencimentos dignos que lhes permitam dedicação plena e possibilidade de ampliação e atualização de seus conhecimentos através de cursos. Os benefícios não se resumem à pessoa do médico mas se estendem a todo o serviço de saúde oferecido pelo Estado, à grande massa de servidores e seus familiares e à população de maneira geral. Daí propor eu seja fixado em trinta (30) salários mínimos vigentes os vencimentos dos médicos servidores estaduais por trinta (30) horas de trabalho semanal.

Não se pode exigir bons serviços quando se aviltam os salários e se consagra total desprezo a profissionais de alta especialização.

Nestes termos, peço e espero o aval de meus nobres Pares.



Deputado AFANASIO JAZADJI

Obs.: Os documentos apensados fazem parte integrante do projeto:

- 1 - Artigo "Salário vira doença de médico" - Folha de S. Paulo (12/5/96)
- 2 - Artigo "Doutor, profissão desânimo" - VEJA (15/5/96)

12
357

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA



AFANÁSIO JAZADJI
DEPUTADO

FLS. N.º 04
PROC. 3415
5

FOLHA DE S. PAULO

1 ■ 20 mundo domingo, 12 de maio de 1996

AMÉRICA



Salário vira doença de médico

GILBERTO DIMENSTEIN

Os médicos americanos estão aborrecidos, nostálgicos dos "bons tempos" em que tinham mais prestígio e dinheiro. Acostumados a ver salários crescentes, eles constatam, agora, uma inversão; na média, ganham menos US\$ 500

criança, eram uma espécie de sacerdotes com estetoscópio, tão importantes quanto os rabinos.

★

O levantamento da Fiocruz indica que 47% dos médicos, depois de ralar quase uma década de estudo (faculdade

e ganham tão mal, quando arrumam tempo para estudar e reciclar seus conhecimentos?

★

Para comparar, o rendimento médio dos músicos de rua, em Nova York, é US\$ 1.600 mensais.

Os US\$ 400 por atividade de



por mês.

Mas o que é motivo de irritação para eles seria um paraíso para seus colegas brasileiros. Apesar da queda, segundo estatística da Associação Médica Americana, aqui, eles embolsam uma média anual de US\$ 150 mil, polpudos US\$ 12,5 mil mensais.

Juntei esses dados motivado por uma assustadora pesquisa, ainda parcial, divulgada na semana passada pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), sobre o pessimismo entre os médicos brasileiros.

Assustadora pelo menos para minha geração, para quem a medicina era apresentada como a mais nobre das profissões. Por salvar vidas, os médicos encostavam no dedo de Deus, tinham um aspecto religioso. Na minha visão de

mais residência), dividem-se entre três e quatro empregos. Alguns, segundo a pesquisa, têm cinco. Daí, 79,6% dizem que a profissão é desgastante.

Há mais — e ainda pior. Um médico brasileiro embolsa, em média, US\$ 1.300 mensais. Portanto, ganha US\$ 400 em cada atividade — quase os US\$ 500 que o médico americano perdeu do seu rendimento mensal e que o deixa tão irritado.

Conta final: nosso doutor vale dez vezes menos do que um médico americano.

★

O desgaste do médico dá a exata medida da degrading social do país; a maioria deles atua no setor público.

Provoca, ao mesmo tempo, uma pergunta entre os pacientes: se eles têm tantos empregos

um médico brasileiro, qualquer mendigo de meio período fatura no Primeiro Mundo.

Um motorista de táxi esforçado leva até US\$ 3 mil por mês para casa.

★

Os advogados americanos também reclamam. Acabaram os bons tempos, e seus salários estagnaram. Um iniciante ganha US\$ 4.500 em média por mês.

★

Tenho insistido que, apesar de todas as dificuldades, erros, omissões, incompetências, o Brasil está melhorando. É raro, em nossa história, a combinação de inflação baixa, democracia, crescimento, razoável estabilidade política.

Noto, com frequência, uma reação mentalmente indigente

AFANÁSIO JAZADJI
DEPUTADO



a essa postura. Reconhecer avanços é visto como dar as mãos ao oficialismo. Ser crítico, no Brasil, é ver só defeitos.

Os avanços mostram que a democracia funciona porque muita gente, muitas vezes apesar dos homens públicos, está colaborando.

★

A Folha traz hoje belos exemplos de avanço social e, ao mesmo tempo, de extremo descaso e incompetência.

O jornal publica com destaque uma série de experiências mostrando como é fácil e barato salvar vidas. O Brasil tem know-how para reduzir rapidamente a mortalidade infantil.

Se é tão fácil e barato, por que

O salmão é a melhor carne para o coração. O atum vem em segundo lugar, à distância. É recomendável tomar dois copos de vinho nas refeições.

Música, férias, relaxamento, massagem, caminhadas também fazem parte do cardápio.

★

De Harvard, uma das melhores escolas de medicina do mundo, vem outra boa notícia. Estudo divulgado pela Associação Médica Americana diz que atividade sexual não afeta o coração.

A maioria das vítimas de infarto revela temor de que o sexo possa levá-los para a cama — de um hospital.

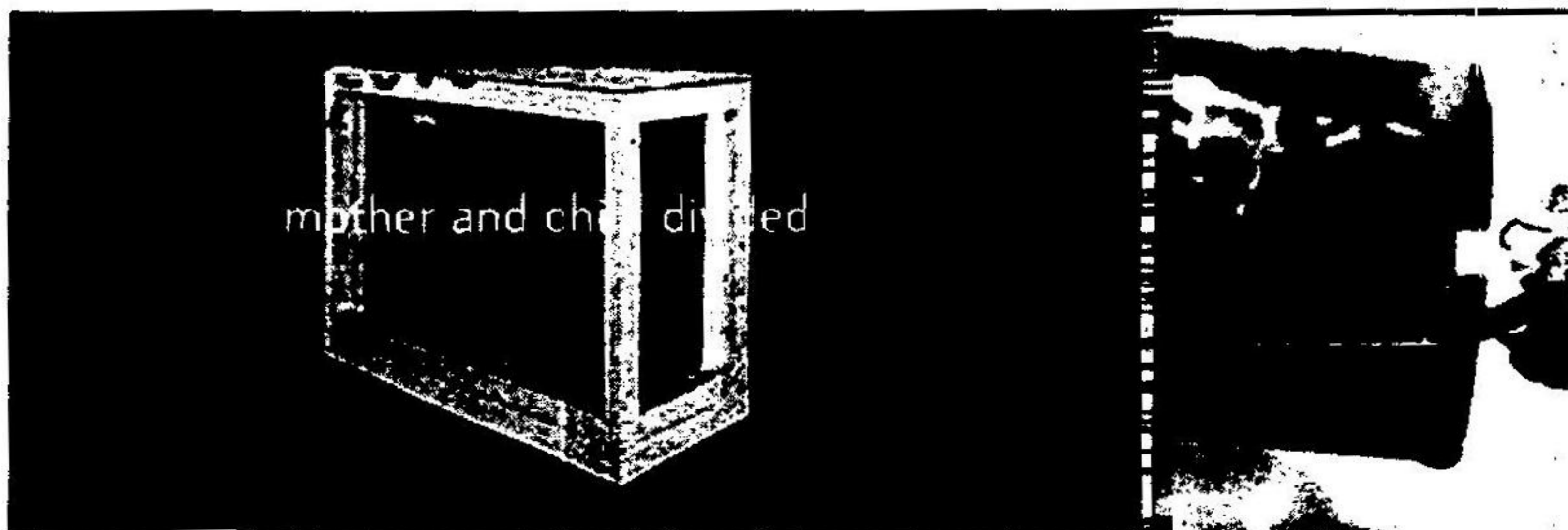
Imagine o impacto dessa

brasileiro Rodízio, em Nova York. No Dia das Mães, quem comer lá terá direito a aulas de samba.

★

“Guerrilheiros urbanos” é como alguns dos donos dos milhões de cachorros nova-iorquinos estão se auto-intitulando. Inconformados com as multas por soltarem seus adorados animais da coleira, eles ganharam espaço na mídia. A discussão pró e contra coleira saiu da página de artigos do “The New York Times”, ganhou uma página inteira na seção de cartas e chegou aos editoriais.

★



perdemos tanto tempo?

★

A pesquisa médica nos EUA não pára de trazer boas novas: segundo todos os levantamentos, os americanos vivem cada vez mais e com menos doenças.

Melhor ainda é que o prazer está se incorporando às receitas de saúde.

notícia aqui nos EUA, onde existem 12 milhões de pessoas com problemas no coração. São 500 mil sobreviventes de ataques cardíacos.

★

Contribuição do Brasil ao marketing americano. Ganhou as páginas do “The New York Times” oferta do restaurante

Os cachorros dos bairros mais refinados de Nova York custam por mês US\$ 350 — por pouco, não é igual ao valor de um emprego de médico brasileiro.

Gilberto Dimenstein escreve às quartas-feiras e aos domingos

E-mail GDimen@aol.com

Fax (001-212)873-1045

FANÁSIO JAZADJI
 DEPUTADO



Emílio Mattar
 79 anos

UNIVERSIDADE
 USP, em 1939

ESPECIALIDADE
 Clínica médica

RENDIMENTO MENSAL
 7 000 a 13 000 reais

EMPREGOS
 2 (conselheiro e professor da USP)

JORNADA DE TRABALHO
 60 horas semanais

CONVÊNIO MEDICOS
 não atende a planos de saúde

Mattar: não à perda de tempo no trânsito

ANTÔNIO MILENA

MEDICINA

Doutor, profissão desânimo

Pesquisa da Fundação Oswaldo Cruz mostra o baixo-astrol que toma conta da atividade médica

Emílio Mattar tem 79 anos. Formou-se médico pela USP em 1939. Seu colega Luís Gustavo de Azevedo é cinquenta anos mais jovem. Graduou-se pela Universidade Gama Filho, no Rio de Janeiro, em 1989. Os dois são personagens de épocas distintas da medicina brasileira. De segunda a segunda, o jovem Azevedo trabalha em quatro hospitais. Um deles fica em Teresópolis, a 130 quilômetros de sua casa, no Rio. O médico carioca roda em média 500 quilômetros por semana para no fim do mês receber 3 000 reais. Nesse vaivém, mal tem tempo de trocar a roupa branca. Como é cirurgião, é natural que seu jaleco se apresente sujo de sangue. Para não parecer um açougueiro, o Monza 1987, comprado a prazo e que junto com um Escort 1993 forma o patrimônio da família, virou guarda-roupa ambulante. Ele mora com a mulher, também médica, e com o filho pequeno num apartamento alugado de três quartos na Tijuca, Zona Norte da cidade. "Meu sonho é ter um emprego só", revela Azevedo.

O doutor Mattar tem. Depois de se aposentar, há nove anos, como professor emérito da USP, ele agora trabalha apenas

em seu consultório. Recebe 1 200 reais de aposentadoria. No consultório, de cinco a dez vezes mais. Mora num apartamento no bairro dos Jardins, região nobre da capital paulista. Já foi convidado a internar seus pacientes no Hospital Albert Einstein, um dos mais respeitados do Brasil. Não quis. "Perderia muito tempo no trânsito", explica. Internar seus doentes no igualmente reputado Hospital Sírio-Libanês, perto de casa e do consultório.

DESGASTE — Uma pesquisa inédita na América Latina, feita pela Fundação Oswaldo Cruz, mostrou o grau de degradação a que chegou a profissão. Espremidos entre o baixo

salário do serviço público e as regras rígidas dos planos de saúde, a maioria dos 184 708 doutores brasileiros, cidadãos com menos de 45 anos, não se assemelha em nada ao profissional liberal de antigamente, que trabalhava em apenas um hospital, tinha clientela particular fixa, conseguia atualizar-se permanentemente e podia manter a família com folga, gozando de um alto status social. Mattar é um sobrevivente daquela época. Azevedo, desta.

Metade dos médicos se desdobra entre três e quatro empregos para somar no fim do mês uma renda de 1 300 reais, que mal dá para sustentá-los. Encomendada pelo Conselho Federal de Medicina em 1993 e baseada em 8 000 questionários respondidos por médicos de todo o país, a pesquisa Perfil dos Médicos no Brasil mostrou que os profissionais do bisturi e estetoscópio estão sobrecarregados (veja quadro na pág. ao lado). De cada 100, oitenta definem a profissão como desgastante. É muito trabalho, porque a remuneração é baixa. Oitenta e dois por cento da categoria aceita convênios com menos um seguro ou plano de saúde, que pagam em média apenas 16 reais por consulta. Um atendimento particular renderia quatro vezes mais. A consequência é que os médicos são obrigados a ganhar na quantidade de pacientes. "Os convênios fazem do médico um técnico com salários baixos e sem estímulos", critica Mattar. "Perdem-se vocações." O retrato feito a partir da pesquisa não poderia ser mais desanimador. Medicina é sinônimo de pessimismo para 40,4% dos médicos. De incerteza, para 16,7%. Apenas 3,1% associam a profissão à competência. É assustador.

PAULO JAMES

Luís Gustavo de Azevedo
 29 anos

UNIVERSIDADE
 Gama Filho, em 1989

ESPECIALIDADES
 Cirurgia geral e torácica

RENDIMENTO MENSAL
 3 000 reais

EMPREGOS
 Quatro

JORNADA DE TRABALHO
 60 horas semanais

CONVÊNIO MEDICOS
 atende por 4 planos de saúde

Azevedo: sonho com um emprego só



Perfil do médico brasileiro

A maioria é jovem

78% têm menos de 45 anos



Nuvens negras

57%

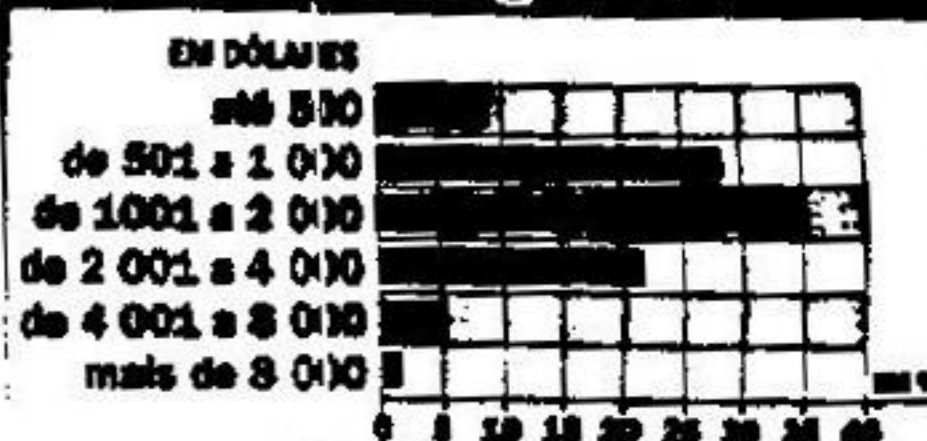
são pessimistas ou acham que seu futuro é incerto

19% são otimistas



24% outras respostas ou sem resposta

Poucos ganhos



Múltiplos empregos

27% têm dois

30% têm três

16% têm apenas um emprego



27% têm quatro ou mais

Stress em alta

80% consideram a atividade profissional desgastante



O tipo de atividade

72% estão empregados no setor público
 60% estão empregados no setor privado
 76% têm consultório
 82% participam de convênios médicos

Em que área estão

Pediatria	14,1%
Ginecologia-obstetrícia	12,0%
Medicina interna	9,1%
Cirurgia geral	8,0%
Anestesiologia	4,9%
Cardiologia	4,3%
Oftalmologia	3,6%
Ortopedia e traumatologia	3,5%
Psiquiatria	3,1%
Medicina geral comunitária	2,9%

FEJA, 15 DE MAIO, 1996

Fonte: Fleury/Conselho Federal de Medicina

Nos termos do item 3, parágrafo único do artigo 148, da VIII Consolidação do Regimento Interno, a presente proposição esteve em pauta nos dias correspondentes às 74ª a 78ª Sessões Ordinárias (de 23 a 29/05/96), não tendo recebido emendas ou substitutivos.

DOL, 30/05/96.

f

As Comissões de:
Constituição e Just. ca;
Administração Pública;
Finanças e Orçamento.
31/maio/1996

EXPEDIENTE DAS COMISSÕES

ENTRADA

EM 4/6/96

CRQJ

COMISSÃO DE CONSTITUIÇÃO E JUSTIÇA

ENTRADA

EM 05/06/96

A.S.

COMISSÃO DE CONSTITUIÇÃO E JUSTIÇA

DISTRIBUIÇÃO

AO Senhor Dep. Cláudio Roberto

com prazo para devolução dentro de 10 dias

12/06/96

[Assinatura]
Presidente

COMISSÃO DE CONSTITUIÇÃO E JUSTIÇA

DISTRIBUIÇÃO

AO Senhor Dep. Alcino Vieira

com prazo para devolução dentro de 10 dias

21/08/96

[Assinatura]
Presidente